



O sono da razão

Provavelmente já ultrapassámos, na presente crise europeia, o momento em que se poderia, com uma dose de sólida confiança racional, esperar a prevalência do bom-senso. Para isso seria necessário ter chegado a um ponto em que a liderança alemã da União Europeia se recordasse dos avisos de Helmut Kohl ao Bundestag, em 1991, quando advertia para os perigos de uma União Económica e Monetária sem união política. Pelo contrário, neste momento, só um milagre poderá salvar a Zona Euro e a União de se desmoronarem. A chanceler Merkel, com o novo Tratado e com a chantagem sobre a Grécia, mostra que não quer aprender com os factos, e que irá prosseguir até ao fim com a política de austeridade e disciplina orçamental, cujas consequências alienam os mercados, incendeiam a convulsão social, aumentam a pobreza, criando um caldo de cultura que poderá fazer recuar o ideal da unidade europeia por tempo indeterminado.

Podemos, ao menos, tentar compreender as raízes do que nos vai acontecer, enquanto o tsunami se avoluma na linha do horizonte. Na sua célebre conferência proferida no *Kulturbund* de Viena, em 10 de março de 1935, Edmund Husserl meditou sobre *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*. Husserl identificava naquilo que ele chamava «naturalismo», as causas culturais da catástrofe bélica em que, quatro anos depois, a Europa faria mergulhar o mundo. A Filosofia abandonara o seu lugar de cadinho unificador entre as ciências da Natureza e as ciências do Espírito. A racionalidade deixava de visar o todo. Em vez disso dominava uma tecnofilia superficial

A política de austeridade a todo o custo é o resultado de uma nova forma de barbárie, ignorância atrevida, visível nas conferências de imprensa dos representantes da troika



que, ao desdenhar da complexidade do mundo, conduziria a Europa para o abismo.

Mas, cindo anos antes de Husserl, foi o grande pensador espanhol Ortega y Gasset quem fez o diagnóstico mais adequado do que nos está a acontecer hoje, em 2012. No seu imortal ensaio *A Rebelião das Massas* (1930), Ortega anunciava um perigo e uma esperança para a Europa. Contrariando o pessimismo de Oswald Spengler, e da sua obra *A Decadência do Ocidente* (1918-22), Ortega dizia-nos que o problema da Europa não era de essência, mas de escala. Só a unidade europeia poderia permitir reunir a massa crítica suficiente para fazer brotar uma liderança, na política, na economia e na arte, capaz de levar a Europa a sair do labirinto da – balança de poder. Curiosamente, Ortega considerava que as guerras europeias periódicas, exigidas por essa «balança», eram uma forma, embora patológica, de governo europeu. Só a União política poderia trazer um novo impulso de paz e progresso.

OLHANDO PARA A ENTOURAGE da chanceler Merkel, é impossível não dar razão a Ortega. A grande ameaça para a Europa dos nossos dias vem destes «homem-massa», especialistas que julgam dominar o mundo a partir da janela estreita da sua disciplina.

Hoje, é claro, estamos a falar de especialistas em Finanças, como Jens Weidmann, o presidente do Bundesbank, ou em Economia, como Hans-Werner Sinn, presidente do IFO, um grande instituto económico de Munique. São eles que alimentam as sinapses de Merkel.

«Os europeus – adverte Ortega – não sabem viver a não ser quando estão lançados numa grande empresa unificadora. Quando esta falta, os europeus tornam-se vis, desanimam, perdem força...». A política de austeridade a todo o custo que lançou a desgraça sobre o povo grego, e que volteia, agora, como um abutre, sobre Portugal, é o resultado desta nova forma de barbárie, de ignorância atrevida, que é visível, por exemplo, nas conferências de imprensa dos representantes da *troika*.

VIVEMOS NUM TEMPO em que no poder político, com notáveis exceções, parece reinar uma pirâmide invertida de mérito. Berlusconi ou Sarkozy, são exemplos de quem parece não saber muito, aconselhada por gente que julga saber tudo. Num mundo superficial de holofotes, ilusão e mentira, onde o trágico da vida parece ter sido esvaziado, pouco faltará para que todos aprendamos o doloroso custo do sono forçado da razão. ▣